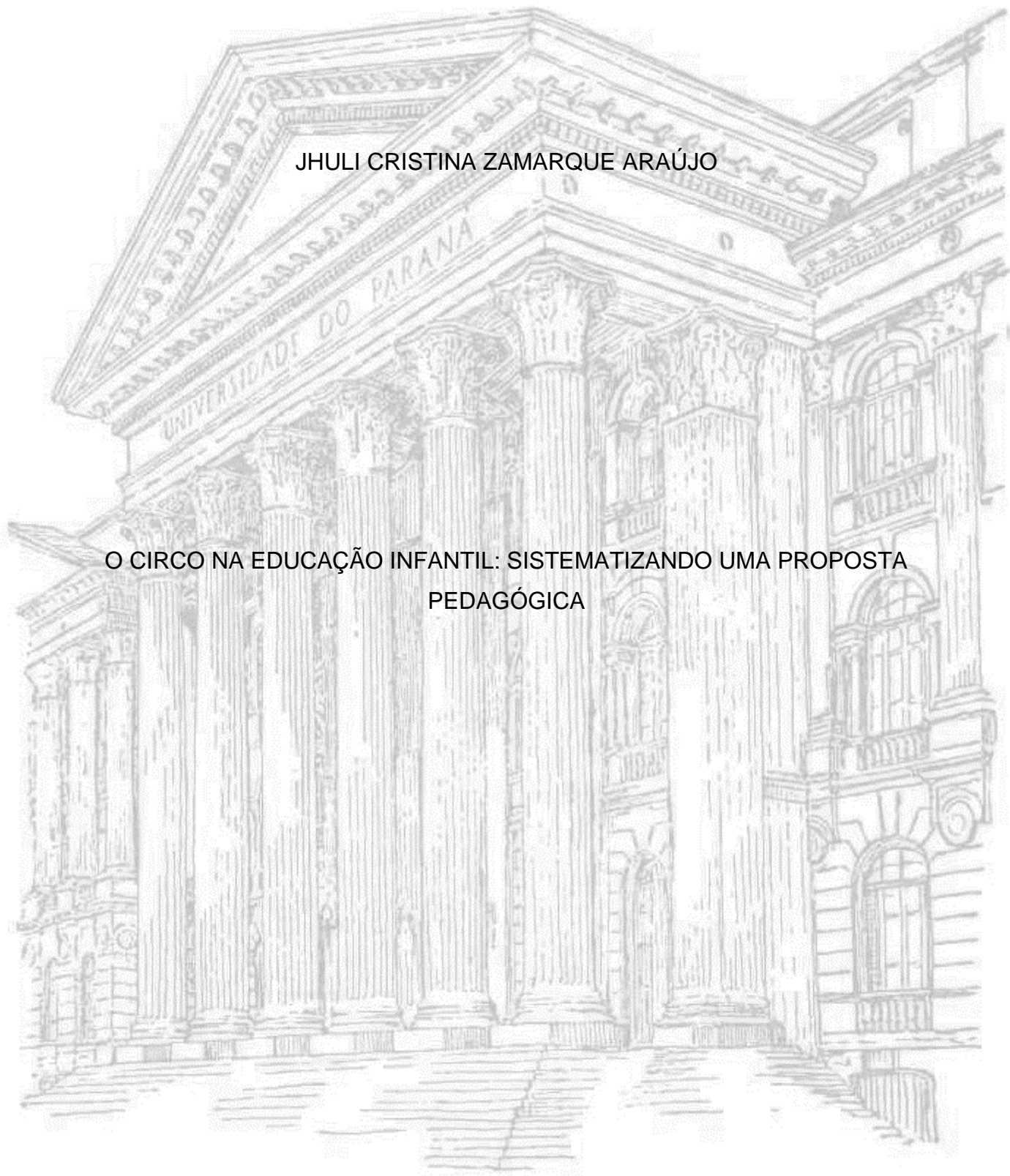


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JHULI CRISTINA ZAMARQUE ARAÚJO

O CIRCO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SISTEMATIZANDO UMA PROPOSTA
PEDAGÓGICA



CURITIBA

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
JHULI CRISTINA ZAMARQUE ARAÚJO

O CIRCO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SISTEMATIZANDO UMA PROPOSTA
PEDAGÓGICA

Trabalho de conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciatura em
Pedagogia, pela Universidade
Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Verônica Werle.

CURITIBA

2021

AGRADECIMENTOS

Ser professora é um sonho que carrego comigo desde os 6 anos de idade, quando ganhei uma mini lousa de presente no Natal, e comecei a brincar de escolinha com meus primos. E o que era só uma brincadeira gerou um misto de sentimentos e objetivos, e agora esse sonho está prestes a se realizar e tenho muito a agradecer aos que foram essenciais nessa trajetória.

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida e pela graça concebida para que eu tivesse a oportunidade de chegar até aqui.

Agradeço o incentivo dos meus familiares, foi uma grande responsabilidade ser a primeira de nossa família a ingressar em uma universidade, e com todos os desafios que passei dentro destes cinco anos, estes me deram força para não desistir.

Aos amigos que tive o prazer de conhecer durante este período. Os meus amigos de infância Bruno e Elisiane que também seguiram o caminho da pedagogia, em outras instituições, e me deram todo apoio durante a construção deste trabalho. E as madrinhas da minha filha, Larissa e Amanda, que me deram forças para não desistir e me ajudaram a conciliar o tempo de criação com os cuidados da minha pequena Mia.

Aos professores que tive a honra de conviver, pelos ensinamentos, pelo respeito e pelo cuidado com as necessidades dos alunos. Aproveito para parabenizar a todos os profissionais da instituição por realizarem suas funções com tanto êxito e, principalmente, pela força que tiveram e nos passaram durante um ano tão difícil que tivemos que enfrentar e conviver com uma pandemia.

Em especial as professoras Leziany Silveira, Sandra Sagatio e Marcia Baiersdorf, que orientaram os meus estágios e tornaram a vivência da pedagogia tão rica em minha vida. Ao professor Guilherme e a professora Luciane Paiva, por trazerem a parte que mais me encanta do meio pedagógico, o meio artístico, a corporeidade e a importância do corpo em movimento no meio educacional.

Por último e mais importante, agradeço à minha orientadora Verônica Werle, que esteve me apoiando e me ajudou em cada passo desta monografia. Desde o primeiro momento em que a conheci soube que seria a minha melhor escolha, tive a honra de tê-la como professora de metodologia do ensino da Educação Física, o que agregou muito na construção deste projeto. Creio que ela mereça um agradecimento especial, devido a termos conseguido, em um momento de pandemia, conciliar a elaboração deste trabalho e os desafios do curso, junto a maternidade. Aproveito para dedicar este trabalho com todo amor, às nossas pequenas, Mia e Amália.

“A educação é uma arte, onde despertamos no outro, a vontade e o querer aprender para transcender.”

Valéria Batista

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar como as práticas corporais circenses podem ser inseridas no âmbito escolar, mais precisamente na etapa da Educação Infantil, bem como estruturar uma proposta pedagógica contemplando algumas especificidades do universo circense e aproximando as crianças à arte, à cultura, ao movimento, à expressão e principalmente à ludicidade. Para tanto, foi realizada a leitura e a consulta de livros, artigos científicos, legislações e monografias selecionadas através de busca em banco de dados. A proposta foi organizada a partir de 7 temas, envolvendo diferentes saberes das práticas corporais circenses, considerando a importância das brincadeiras e interações. Consideramos que o trabalho pode contribuir na produção de conhecimentos sobre os conteúdos da cultura corporal de movimento que podem ser ensinados no âmbito da Educação Infantil.

Palavras chaves: Educação Infantil. Prática pedagógica. Prática corporal circense.

ABSTRACT

The present study aimed to analyze how circus practices can be inserted in school context, more precisely in the Early Childhood Education, as well, to structure a pedagogical proposal contemplating some specificities of circus universe and bringing children closer to art, culture, movement and expression. To this end, books, scientific articles, legislation and monographs were selected through a database search. The proposal was organized based on 7 themes, involving different knowledge of circus practices, considering the importance of to play and interactions. We believe this study can contribute to the production of knowledge about the contents of the body culture and can be taught in the Childhood Education context.

Key words: Early Childhood Education. Pedagogical practice. Circus practice.

LISTA DE SIGLAS

BNCC — Base Nacional Comum Curricular

DCNEI — Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil

LDB — Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	09
2.INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL.....	15
3.O CORPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	21
4.O CIRCO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	27
5.CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA....	32
6. PROPOSTA PEDAGÓGICA.....	37
6.1 Tema 1: APRESENTANDO O MUNDO DO CIRCO.....	40
6.2 Tema 2: EXPRESSÃO CORPORAL.....	42
6.3 Tema 3: MALABARES.....	43
6.4 Tema 4: EQUILÍBRIO.....	44
6.5 Tema 5: ACROBACIAS DE SOLO.....	45
6.6 Tema 6: PERSONAGENS.....	47
6.7 Tema 7: CRIANÇAS ENSINAM OS PAIS.....	48
6.8. AVALIAÇÃO.....	49
7.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
8. REFERÊNCIAS	52

1. INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é o primeiro contato escolar que as crianças têm seguido da socialização no ambiente familiar. Esta mudança de rotina pode mexer de diversas formas com o desenvolvimento das mesmas. Com isso, acredito que tornar o ambiente lúdico e as atividades leves, podem auxiliar de forma positiva no decorrer deste processo, sendo as práticas circenses uma rica possibilidade.

Escolhi este tema a partir das experiências que tive nesta área. Conheci a escola de circo “Cirko base” localizada no centro de Curitiba, através de uma colega no primeiro ano de faculdade e a partir deste dia comecei a participar das aulas propostas para adultos. Durante este período me ofereci para participar voluntariamente nas aulas direcionadas para crianças, estabeleci um vínculo de amizade com muitos profissionais da área e, com isso, fui convidada para atuar como professora auxiliar em um projeto circense. As aulas funcionavam como complementares após o horário das atividades regulares em uma instituição da rede privada. As turmas tinham em torno de 12 a 20 alunos cada, dentre eles crianças de 4 a 10 anos.

É importante destacar que todas as crianças que participaram do projeto foram por iniciativa própria, e que antes do início do mesmo, foram ofertadas aulas experimentais durante o ano, de forma gratuita, para os que tivessem interesse de conhecer o mundo do circo.

A aula era iniciada com brincadeiras como forma de aquecimento. Estas atividades eram preparadas pensando em práticas corporais que incluíssem todas as crianças, independentemente da idade. Para cada aula havia um planejamento prévio contendo a modalidade circense que iríamos ensinar. Após uma breve explicação situando os devidos cuidados em relação à segurança, seja com manuseio ou contato com os demais, nós deixávamos que eles explorassem os materiais e as atividades livremente. Nossas intervenções eram pautadas na valorização da autonomia de cada criança, e como ela se sentia ao realizar a proposta. Era muito importante que os alunos vivessem movimentos variados e recriassem tais movimentos tendo a capacidade de dar sentido e significado aos mesmos.

O projeto teve duração de um ano letivo, esse período foi significativo, pois desta forma foi possível analisar o desenvolvimento de cada criança ao longo do processo de atividades. E em reunião junto com os professores foi debatido a influência que o projeto teve para as demais disciplinas.

As professoras das crianças que estavam na Educação Infantil nos passaram um feedback individual. Na maioria das vezes as crianças levavam as atividades para os colegas da turma em horários específicos como na aula de educação física e no recreio. Já as crianças menores, acolhem as práticas circenses em toda sua rotina, como o uso das regras, o incentivo a participação de todos nas atividades em sala, o trabalho de concentração por meio de sons, gestos ou movimentos, o uso dos movimentos aprendidos de outras formas entre outros aspectos citados pelas professoras por meio de observação.

Um pouco antes do fim do projeto, as crianças demonstraram interesse em mostrar para os pais e demais professores o que tinham aprendido e apreendido, desta forma as mesmas tiveram a ideia de realizar uma apresentação de circo. Assim, nas duas últimas semanas organizamos um espetáculo circense para os familiares. Cada criança se dividiu em um grupo com as práticas que mais se destacaram e montaram elas mesmas um show com números de equilíbrio, acrobacias solo, em dupla ou aéreas e pirâmides em grupo.

Por fim, tivemos a percepção de que cada criança aprendeu com sua individualidade o que foi apresentado, e pode dar preferência às práticas que mais se identificou. A partir do que ensinamos, elas construíram novas compreensões e novas possibilidades.

Mas as atividades circenses começaram a surgir no âmbito escolar apenas a partir do início das duas últimas décadas do século XX, em algumas organizações acadêmicas no exterior. O que chamava atenção era a sua riqueza de benefícios e a grande diversidade de possibilidades para a educação do corpo, tanto expressiva quanto estética. Um conteúdo com um grande potencial pedagógico e de reflexão sobre as artes corporais para os profissionais de Educação Física em suas aulas na escola (BORTOLETO, 2003), em outras palavras:

O circo como uma atividade expressiva, que reúne toda uma série de conhecimentos de alto valor educativo, que lhe dão coerência e justificam sua presença no currículo educativo. Uma atividade que requer uma pedagogia própria, ou ao menos preocupada com suas particularidades. (DUPRAT BORTOLETO, 2003, p.57)

No entanto, no contexto escolar brasileiro atual, as atividades circenses ainda não fazem parte da maioria das escolas, mesmo esse tema sendo importante para as aulas de educação física, pois proporciona ao aluno um contato com a cultura corporal existente no circo e desperta sua criatividade, aguçando sua imaginação, trabalhando também a cooperação, a expressão corporal, trazendo motivação e prazer a criança.

No que se refere à Educação Infantil, antes do circo, a própria área de Educação Física ainda precisa se firmar. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC): a Educação Física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, e apesar de não nomear a Educação Física para o Ensino Infantil, ela determina diversos aprendizados corporais importantes para crianças pequenas. Mas outro aspecto normativo importante, anterior à BNCC é Lei de Diretrizes e Bases (LDB) a partir da qual a Educação Física aparece como integrada ao Ensino Básico, como a autora Deborah Sayão reforça em seu livro:

A lei 9.394/96 atrela a Educação Física ao Projeto Político Pedagógico de cada escola e, neste caso, à proposta político-pedagógica das instituições de educação infantil. O PPP é o elemento definidor das propostas pedagógicas e dos pressupostos teórico-metodológicos que estão implicados no trabalho do/a professor/a.” (Sayão, 2002, p.16)

Seja para potencializar o desenvolvimento motor, cognitivo ou emocional, ou ainda compreendendo a educação corporal como parte de uma educação integral de fato, é uma característica das escolas privadas integrarem as aulas de Educação Física na Educação Infantil, pois são de extrema importância e repercutem em toda a vida da criança. No caso da rede pública de Curitiba, a inserção da Educação Física nesta etapa da educação básica ainda é pontual, o que não impede o desenvolvimento da temática do circo e de outras práticas corporais pelas professoras pedagogas.

A proposta de inclusão de aulas circenses, acaba sendo vista como uma prática exclusiva do campo de ensino da Educação Física, mas nesta primeira etapa de ensino, é fundamental trabalhar qualquer atividade de maneira integrada. A autora Deborah Sayão (2002) defende um ponto importante na organização do trabalho pedagógico da Educação Física na Educação Infantil, para além de uma disciplina “regrada” que possua um conteúdo previamente elaborado, com tempo e espaço previamente definidos e uma proposta de participação do professor de Educação Física como formador corporal do professor regente.

Propostas integradas de Educação Física na Educação Infantil devem priorizar o interesse que as crianças demonstram em suas experiências de movimento realizadas espontaneamente contribuindo no desenvolvimento integral das mesmas. Desta forma o professor como mediador pode trazer objetos, e usar de diferentes recursos para previamente despertar o interesse pelo circo nas crianças, e a partir das questões levantadas pelas crianças, poder elaborar o seu planejamento com objetivo traçado.

Atividades circenses nas aulas de Educação Física Escolar, traz aos estudantes o acesso a esse tipo de manifestação cultural e histórica, o que torna possível atender a um dos fins dessa instância de ensino, certificando que os estudantes irão adquirir maior autonomia no que diz respeito aos elementos da cultura corporal, para que no decorrer de suas vidas, futuramente, eles sejam capazes de praticar e apreciar atividades esportivas, expressivas, ou atividades de dança em momentos que façam parte do seu lazer (DAOLIO, 2003, p.12).

Acredito que o mundo do circo tem muito a agregar, e que infelizmente é pouco trabalhado, talvez por falta de investigação sobre o assunto acabamos nos apropriando do circo apenas como um espetáculo de lazer social e deixamos passar os valores sociais e as possibilidades pedagógicas desta prática corporal.

Embora seja um conteúdo tão rico, durante minha formação escolar nunca tive o circo sendo abordado como uma prática corporal, o pouco que me recordo é da utilização dos palhaços. O palhaço, mesmo sendo conhecido como a alma do circo, não pode ser retratado como aspecto único da cultura circense. Durante minha formação acadêmica, tive a disciplina de Metodologia do Ensino de Educação Física, no qual mesmo com pouca carga horária tive o prazer de me

aprofundar um pouco mais nesta área, e apresentar um pouco do que eu conhecia previamente. Mesmo não sendo um conteúdo muito aprofundado no ensino Superior, acredito ter muita validade para a formação dos futuros profissionais, tanto da área de Educação Física - mesmo possuindo projetos referente a temática, não é um assunto comum de ser abordado - quanto no curso de Pedagogia como proposta pedagógica para as brincadeiras e práticas destinadas às crianças.

Desta forma os profissionais de Educação, apenas com o tema circo podem executar práticas corporais que envolvam o equilíbrio, a flexibilidade, a coordenação motora, a expressão corporal e a dimensão cultural que o circo abrange, auxiliando no completo desenvolvimento do educando. Além da possibilidade de trabalhar estes saberes, o educador pode deixar que a competição seja colocada em um segundo plano e, assim, priorizar a motivação em relação à cooperação entre os estudantes.

Pensando nisto, inicialmente meu objetivo era desenvolver uma pesquisa-ação, onde fosse possível realizar e aplicar um projeto pedagógico com algumas turmas desta etapa para poder coletar mais saberes desta experiência, mas em virtude da pandemia de covid-19, o trabalho foi readequado e desenvolvido com as condições técnicas e pessoais disponíveis.

Por isso e com base na minha experiência em estágios, acredito que as práticas corporais circenses aliadas à etapa da Educação Infantil podem se tornar uma ferramenta de auxílio tanto para o professor quanto para o processo de desenvolvimento das crianças. No entanto, acredito ser de fundamental importância um maior entendimento e investigação sobre a temática circense, pois ela faz parte do patrimônio cultural e é manifestação da cultura corporal. Quando usada como objeto pedagógico com/para as crianças, pode trazer incontáveis saberes, tanto cognitivo quanto motor e principalmente cultural. Portanto, por meio deste trabalho, procuro compreender as possibilidades de inserção dessa temática no período regular da Educação Infantil, independentemente de haver aulas de Educação Física, o que pode ser traduzido na pergunta problema: Como a temática do circo pode ser organizada pedagogicamente na Educação Infantil?

Assim, foram objetivos deste trabalho: a) compreender elementos teóricos e conceituais sobre a prática pedagógica na educação Infantil, relacionando-os

com as práticas corporais circenses; b) identificar saberes e sistematizar uma proposta pedagógica tematizando as práticas corporais circenses. Para tanto, além da introdução e considerações finais, organizamos o trabalho em 3 partes: estudos teóricos para aumentar a base de conhecimento para desenvolver a proposta; organização de um “caminho” com elementos metodológicos que orientaram a construção da proposta e, a proposta pedagógica em si.

2. INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL

Há inúmeras concepções e inúmeros autores que abordam sobre a constituição da Educação Infantil. Com isso, sabe-se que esta etapa da educação passou por diversas mudanças até chegar à concepção que é abordada hoje em dia.

Durante várias décadas, houve diversas transformações: a pré-escola não tinha caráter formal, não havia professores qualificados e a mão de obra era muita das vezes formada por voluntários, que rapidamente desistiram desse trabalho (MENDONÇA, 2012, p.17).

As primeiras instituições no Brasil a receber as crianças tinham um caráter totalmente assistencialista, sem pautas em nenhum quesito pedagógico, apenas ambientes que pudessem oferecer cuidados com alimentação, higiene, etc.

Enquanto para as famílias mais abastadas pagavam uma babá, os pobres se viam na contingência de deixar os filhos sozinhos ou colocá-los numa instituição que cuidasse deles. Para os filhos das mulheres trabalhadoras, a creche tinha que ser de tempo integral; para os filhos de operárias de baixa renda, tinha que ser gratuita ou cobrar muito pouco; ou para cuidar da criança enquanto a mãe estava trabalhando fora de casa, tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto de família. Essa origem determinou a associação creche, criança pobre e o caráter assistencial da creche. (DIDONET, 2001, p. 13).

À medida que a concepção de infância foi se modificando, as instituições de atendimento infantil também foram se transformando. É importante salientar que a visão que se tem da criança é algo historicamente construído, por isso é que se pode perceber os grandes contrastes em relação ao sentimento de infância no decorrer dos tempos, por exemplo, antigamente a criança era vista como uma miniatura de um adulto, sendo assim era tratada da mesma forma que os mais velhos.

Segundo Aries (1978, p. 6), até o século XVII a sociedade não dava muita atenção às crianças. Devido às más condições sanitárias, a mortalidade infantil alcançava níveis alarmantes, por isso a criança era vista como um ser ao qual não se podia apegar, pois a qualquer momento ela poderia deixar de existir. Muitas não conseguiam ultrapassar a primeira infância.

Este período foi marcado por várias transformações sociais, dentre elas as reformas religiosas católicas e protestantes, que trouxeram um novo olhar sobre a criança e sua aprendizagem. Com isso, surgiu uma certa “preocupação” com a formação moral da criança e a igreja se encarregou de direcionar a aprendizagem, visando corrigir os desvios da criança. Acreditava-se que ela era fruto do pecado, e deveria ser guiada para o caminho do bem.

Entre os moralistas e os educadores do século XVII, formou-se o sentimento de infância que viria a inspirar toda a educação do século XX (Áries, 1989, p.11).

Com o surgimento do interesse nas crianças, começou a preocupação em ajudá-las a adquirir o princípio da razão e a fazer delas adultos cristãos e racionais. Até então, a educação das crianças era vista como “tarefa” da família, principalmente das mães e de outras mulheres. Devido a esta concepção até hoje as instituições de Educação Infantil são vistas como local de “cuidado”, não de ensino (Áries, 1989).

As primeiras denominações das instituições infantis fazem uma referência a esse aspecto, como o termo francês “creche” que significa manjedoura, presépio. Nos dias de hoje, a desvalorização do profissional de Educação Infantil ainda ocorre devido este paradigma, pois atribuem seu trabalho apenas com os cuidados físicos, deixando de lado os aspectos globais no atendimento das crianças. O cuidado é sim um dos fatores mais importantes nesse período, mas vale ressaltar que não se relaciona apenas e exclusivamente à necessidade de higiene ou cuidados com o corpo, isto implica em cuidar da criança em toda sua dimensão, abrangendo aspectos cognitivos, afetivos e corporais.

A análise do histórico dessas instituições e as relações que estas têm estabelecido tanto com as famílias, quanto com as escolas permite perceber que quando se defendeu, e ainda hoje se defende, uma função pedagógica para as mesmas foi na direção da valorização das atividades ligadas ao ensino de alguma coisa, à transmissão de conhecimentos, muitas vezes reproduzindo ou antecipando as práticas condenadas pelas próprias escolas de ensino fundamental em que são valorizadas as atividades dirigidas, consideradas como pedagógicas. Essa interpretação reducionista do pedagógico, acabou por trazer para as creches e pré-escolas uma desvalorização das atividades ligadas ao cuidado das crianças pequenas. (CERISARA, 1999, p. 16).

Nos dias atuais a infância é entendida como um período em que a criança precisa ter as suas necessidades físicas, cognitivas, psicológicas, emocionais e sociais supridas e respeitadas. O que fez com que este período passasse a ser mais valorizado pela sociedade, sendo que os profissionais das escolas de educação infantil também necessitam de uma formação prévia válida que beneficie o desenvolvimento da criança. Em seu artigo, Ana Cerisara (1999), argumenta sobre este paradigma de que as instituições infantis, não possuíam um caráter educativo. A autora traz uma crítica de que as escolas, não são ambientes com caráter hospitalar ou familiar, sendo assim, é possível ver historicamente esta mudança de perspectiva, trazendo a responsabilidade, não só do cuidado destas crianças, mas também tornando o espaço pedagógico, possibilitando seu desenvolvimento, e com isso com o passar dos anos passou a ser necessário o aprimoramento e investimento na formação dos profissionais desta área.

O professor tem o papel de mediar as relações no ambiente escolar, incentivando a socialização com o meio, além disso, ele deve estabelecer uma relação de vínculo com a criança, não sendo somente um mediador de conhecimento, mas sim estabelecendo sua prática pedagógica que vai muito além do cuidado.

Entender a importância e valorizar a infância na Educação Infantil é fundamental, pois favorece o seu desenvolvimento global, facilita o trabalho docente através da criação de vínculos e o ambiente se torna mais saudável e acolhedor para a criança.

Suely Amaral Mello (2007) reforça que no período da Educação Infantil é necessário um olhar mais apurado para a valorização da infância, ela defende que com as devidas condições e organização, a creche e os espaços dedicados à infância podem contribuir para o desenvolvimento das crianças. Além disso, é nestes ambientes de aprendizagem que as crianças vão socializar-se e ganhar autonomia, vivenciando momentos coletivamente.

Em seu artigo, Mello (2007) crítica que ainda existem várias escolas que seguem uma metodologia de preparação para o Ensino Fundamental, mais especificamente para o primeiro ano, adaptando o espaço e impondo rotinas de disciplinas, pulando assim, a fase da infância que necessita do brincar e do

lúdico. Usando como base, princípios de Karl Marx, ela defende a humanização como fator relevante no processo de educação, permitindo que as crianças dominem intensamente diferentes capacidades práticas, intelectuais, artísticas, e formem as primeiras ideias, sentimentos e qualidades morais.

A Dra. Sonia Kramer (2000) também enfatiza em seus trabalhos os desafios desta etapa. Ela destaca a criança como cidadã, que possui direitos, defendendo que as mesmas produzem cultura e também possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas. Com isso, se nos adaptarmos podemos aprender a entendê-las.

Aprender com as crianças pode ajudar a compreender o valor da imaginação, da arte, da dimensão lúdica, da poesia, de pensar adiante. Entender que as crianças têm um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, que subverte o sentido de uma história, que muda a direção de certas situações, exige que possamos conhecer nossas crianças, o que fazem, de que brincam, como inventam, de que falam. E que possam falar mais. (KRAMER. 2000, p,12).

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI):

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches e pré-escolas, caracterizadas como estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. (BRASIL, 2010).

Segundo as Diretrizes, as creches e pré-escolas devem garantir à criança aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à convivência, ao respeito, à dignidade, à brincadeira e à interação com outras crianças. É importante lembrar que estas diretrizes foram determinadas a partir do Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014.

Atualmente, a Educação Infantil no Brasil é responsabilidade dos municípios que, em regime de colaboração dos estados e do governo federal, devem oferecer uma educação inicial de qualidade. Segundo as DCNEI e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL,2018) no trabalho pedagógico na

Educação Infantil é necessário considerar dois eixos estruturantes, para que ocorra um processo significativo, que seriam: as interações e o brincar.

Devemos salientar, que é no universo lúdico que a Educação Infantil consiste. O lúdico auxilia na aprendizagem, pois ajuda na construção da reflexão, autonomia e da criatividade. No momento do brincar a criança destaca sua autonomia, desenvolve suas próprias ideias, se permite construir, explorar e reinventar os saberes. Além disso, é nesta etapa que ocorrem as interações entre o mundo e o meio em que a criança vive.

A autora Sônia Kramer (2009) ressalta em seu artigo a importância desta interação nos espaços escolares:

Quando interage com o meio, a criança entra em contato com uma série de histórias, ideologias, culturas e seus significados. Nesse movimento de interação e de atribuição de sentidos, ela internaliza conceitos e preconceitos que constituem a sua consciência. O desenvolvimento acontece no contexto social e se expressa nas interações vivenciadas com outras crianças e com adultos, quando a experiência vai se tornando individual [...]. As interações são a vivência das práticas sociais, a arena onde as crianças internalizam os signos sociais: regras, normas, valores, formas e condições de ser e estar no mundo. Nas interações elas aprendem as formas de ser e estar na escola, com todas as singularidades que permeiam essas instituições. Tais signos e a maneira como eles são valorados socialmente e pelo grupo familiar da criança mostram-se fundamentais no processo de desenvolvimento (KRAMER, 2009, p. 151)

Nas instituições de educação infantil a interação ocorre com outras crianças, com os professores, com os objetos fornecidos e o espaço físico. Por isso é importante que a instituição e o professor possibilitem e preparem objetos, brinquedos, materiais não estruturados e atividades que incentivem as crianças a vivenciar e descobrir cada vez mais.

Tanto o brincar livre quanto as brincadeiras dirigidas e mediadas possuem papéis fundamentais no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, por isso eles devem ser aplicados intercaladamente. O brincar e o interagir nesta etapa não são nem devem ser vistos como momentos ociosos, e sim como uma forma de educar, de construir e de se socializar junto às crianças.

3. CORPO E EDUCAÇÃO INFANTIL.

Henri Wallon (1995) foi um dos primeiros teóricos a considerar não só o corpo da criança, mas também suas emoções como aspectos fundamentais para a aprendizagem. Sistematizou suas ideias em quatro elementos básicos que se comunicam entre si: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu. A base teórica deste autor chama a atenção para olhar a criança como um todo, um ser que é completo e não dividido por partes. Para Wallon (1995) o

movimento é o primeiro sinal de vida psíquica na criança. Antes mesmo de falar, ela utiliza do seu corpo para demonstrar o que quer com gestos ou movimentos.

Convivemos com uma geração que cresceu em união às novas tecnologias e, com isso, as crianças têm cada vez mais passado tempo em frente às telas. Seria importante questionar se mais possibilidades de movimento, de experimentação e criação corporal não lhes fazem falta, afinal durante seu crescimento o movimento deveria ser algo extremamente natural, que ela pudesse utilizar como linguagem, tanto para agir com o meio físico como para se expressar.

Para Wallon (1995) o movimento é uma forma de afetividade e socialização, por exemplo, a interação entre o bebê e os adultos se dá por uma intensa troca afetiva comunicada por gestos e expressões faciais. Conforme a criança cresce, este movimento passa a ter a função instrumental: conhecer e explorar o mundo físico.

Desde a entrada da criança na educação infantil, é importante que a instituição possa proporcionar o maior número possível de experiências também corporais, desde brincadeiras ao ensinamento de valores. É importante que nesta etapa as crianças consigam ter um contato intenso com o próprio corpo, para conseguir tornar os momentos de movimento significativos. Para isto, elas necessitam de espaço para se moverem, de materiais para estimularem e da interação e mediação dos educadores.

Deve-se ressaltar que as instituições de Educação Infantil são espaços de socialização, onde a criança que até então só convivia com os familiares, passa a conviver com novos indivíduos. Afinal, as crianças necessitam do contato com o outro para a sua formação como indivíduos, isso acontece também e principalmente pelo diálogo corporal, pelos gestos, olhares, sensações que aprendem umas com as outras, com o meio e pela mediação do/a professor/a.

Mas cada criança também leva consigo suas experiências culturais particulares. Sayão (2000, p.4) nos explicita que a criança possui uma cultura infantil, e que essa cultura:

[...] expressa as histórias de vida das crianças, suas origens socioculturais, o pertencimento a diferentes classes sociais, gênero, credo religioso e etnia. Estas singularidades oportunizam ao/a professor/a um conhecimento maior das crianças que, quando interagem entre si, conhecem outras culturas, se reconhecem como classe e podem paulatinamente se conscientizarem em torno da luta pela igualdade de oportunidades.

É através do corpo que a criança responde aos estímulos que recebe a cada momento, que entra em contato com seu meio ambiente. É perceptível que a criança “enxerga” muito mais com o corpo do que com os próprios olhos, afinal, não lhe basta olhar, ela precisa pegar um objeto, sentir a textura, o peso e analisar suas possibilidades (Sayão, 2000).

Parte da aprendizagem ocorre de forma espontânea, visto que nessa fase elas costumam agir por impulso e curiosidade, buscando conhecer mais sobre o que está a sua volta. No entanto, a presença da professora se torna significativa, visto que esta conhece seus alunos, suas características e suas dificuldades, o que possibilita que esteja planejando brincadeiras e experiências que promovam novas e ricas possibilidades. Estas vivências corporais favorecem a aprendizagem, uma vez que por meio delas pode-se experimentar sensações e explorar o movimento do corpo e do espaço adquirindo um saber concreto de maneira significativa para o educando.

Esta ideia de incentivar a exploração corporal das crianças pode ser contemplada em todos os espaços e rotinas da Educação Infantil. O professor pode possibilitar que as crianças utilizem gestos, posturas e ritmos, para se expressar e se comunicar. Além disso, desenvolver oportunidades para que as crianças se apropriem dos significados expressivos do movimento.

O autor Alexandre Vaz (2001) também defende a ideia de que o movimento não deve ser levado em consideração somente na Educação Física, da mesma forma que o lúdico e a afetividade não são função apenas dos educadores infantis. Em relação a tratar o corpo da criança nos ambientes educacionais o autor relata:

Diz-se, por exemplo, que a Educação Física “trabalha o corpo”, o que é verdade. Acontece, porém, que ela reúne apenas uma parte, seguramente importante, das técnicas corporais e dos cuidados com o corpo em ambientes educacionais. Essas técnicas e cuidados estão

presentes em muitos outros momentos do cotidiano escolar, dos hábitos de higiene aos alimentares, dos imperativos disciplinares aos castigos, do espelho de classe aos preconceitos, dos ideais de beleza aos interditos de gênero. Quando os/as alunos/as estão com a “professora de sala”, não se alheiam de seus corpos, que são alvo, no entanto, de processos de disciplinamento e contenção das crianças. Crianças que ficam em suas cadeiras estão tendo seus corpos educados; quando podem ou não andar/correr pelos corredores, ou mesmo entre as carteiras e mesinhas, também (VAZ, 2001, p.3)

Os autores Frederico S. Guirra e Elaine Prodócimo (2010) escreveram um artigo que debate sobre o trabalho corporal na Educação Infantil. De acordo com esta pesquisa, eles enfatizam a importância desta mediação ser feita por ambos profissionais, tanto a professora da turma quanto o de Educação Física. Questionam também as implicações que teria a presença de um professor especialista na educação infantil, visto que na maioria das vezes estes não possuem preparo ou aulas de metodologia para lidar com esta faixa etária no período de sua graduação. No entanto, esta situação está se modificando com a inclusão de disciplinas e temáticas sobre a infância nos cursos de Educação Física.

Além disso, os autores salientam a questão de que na Educação Infantil não deve existir “momentos específicos” para qualquer atividade, ou seja, não se deve dizer que exista o momento de brincar e o de aprender, pois nesta etapa estes caminham juntos, dentro do processo de desenvolvimento da criança. Neste sentido, é importante considerar que:

Se a ludicidade é critério pedagógico e o corpo, como território das paixões e dos desejos, é controlado em nome da civilização, é preciso, para rivalizar com esse estado de coisas, organizar e planejar, mas também escutar experiências corporais que propiciem a descoberta de novas portas de comunicação, tendo em vista a participação criativa das crianças – pelas quais somos responsáveis – no mundo (Sayão, 2002, p. 61).

Acredito que no curso de Pedagogia também devemos abordar esta questão. Por exemplo, em minha formação tive apenas uma disciplina obrigatória de metodologia do ensino de Educação Física. Considerei pouco, pela grande bagagem de conteúdo que não pode ser aprofundado devido a curta

carga horária. Felizmente, em 2019 foi implantado um novo currículo em nosso curso, onde incluíram mais uma disciplina obrigatória que aborda temas de corporeidade e a importância do movimento para as crianças.

Muitas vezes os profissionais regentes de turmas de educação infantil se sentem despreparados para trabalhar atividades/experiências de movimento. Acabam por tornar o ambiente de sala de aula apenas para atividades lúdicas e o externo ou o parque, como momento de descanso destas atividades. Com isso, não percebem que mesmo neste momento de maior liberdade e autonomia de movimento, as crianças estão realizando o trabalho corporal e propriamente dizendo, se desenvolvendo em vários aspectos.

Em seu artigo “Um olhar sobre a corporeidade, corpo e educação infantil”, as autoras Alessandra Cardoso Vargas e Tádía Carolina Cogo (2013) reforçam que o processo formativo dos educadores que atuam com as crianças pequenas deve contemplar a aprendizagem e o conhecimento das reações e sensações ao toque, à música, à dança, à investigação e à experimentação do movimento e, ao conhecimento de si. Pois, ao pensar em corpo e movimento, em corporeidade na educação infantil, pensamos nas interações entre os profissionais e as crianças.

Para desconstruir esta ideia de que somente com uma formação específica é possível desenvolver o trabalho com corpo e com o movimento na escola, é preciso desconstruir o pensamento de que existem formas únicas que a criança deve aprender. De acordo com Vargas e Cogo (2013), os conteúdos relacionados ao corpo e ao movimento estimulam a percepção e consciência corporal da criança, desenvolvendo noções de espaço, a individualidade e coletividade no movimento e a socialização. Além da capacidade de pensar, de criar, de enfrentar situações e resolver problemas que está intrínseca nessas atividades.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) considera um dos campos de experiência, o “Corpo, Gestos e Movimento”. Segundo este documento, é na Educação Infantil que o corpo das crianças ganha centralidade, pois ele é o partícipe privilegiado das práticas pedagógicas de cuidado físico, orientadas para a emancipação e a liberdade, e não para a submissão.

É válido lembrar que, ao organizar a educação infantil em cinco campos de experiência, a BNCC tem o objetivo de apontar os saberes e conhecimentos fundamentais às crianças. Portanto, este documento serve como um guia, orientando onde o professor precisa chegar, sem necessariamente detalhar plano de aula. Está afirmado na Base, também, que por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem. As crianças conhecem e reconhecem as sensações e funções de seu corpo e, com seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física.

Pode-se dizer que o corpo tem um papel fundamental na aprendizagem, pois desde o princípio ao fim a aprendizagem passa pelo corpo. Por isso, a escola deve criar situações favoráveis para que a criança se desenvolva de tal forma que amplie os conhecimentos sobre si mesma, explore o ambiente físico e social e supere desafios.

Com isso, o Circo pode ser considerado uma ótima opção de estímulo corporal e motivacional na escola, favorecendo a aprendizagem de novos conhecimentos e o gosto pelo movimento, com suas especificidades. Além de que esta temática em especial possui aspectos que chamam a atenção dos pequenos, e como as crianças têm suas particularidades, as interações circenses podem ser uma forma de atrair a atenção de toda a turma com alegria e ludicidade. Além disso, as atividades circenses na escola podem auxiliar no convívio afetivo entre as crianças, trazer novas experiências e aumentar a autoestima por perceber que é um ser capaz de realizar atividades artísticas e de produzir cultura.

4. O CIRCO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Partindo do princípio em que as práticas corporais são importantes e necessárias nesta etapa da educação, o circo é um significativo conhecimento da cultura corporal que pode e deve ser trabalhado tanto na Educação Física quanto na Educação Infantil, pois o circo é muito representado na cultura infantil, principalmente por sua diversidade de temas e a exploração das possibilidades lúdicas que colocam o corpo como principal instrumento artístico.

Em seu artigo "O circo itinerante", os autores Dra. Lisandra Silva e Rafael Martinelli (2016) compartilham suas experiências de estágio de educação física em educação infantil, onde utilizaram o circo como temática principal, segundo eles, pela abrangência de possibilidades de práticas corporais e de sua aceitação pelas crianças desta faixa etária. Em suas considerações transitórias,

contam como foi o estágio, e como aplicaram e dividiram as modalidades do circo no planejamento das aulas de Educação Física (malabarismo, equilibrismo, acrobacias, brincadeiras, artes e atividades de experimentação). Além de reforçarem as práticas e estratégias pedagógicas da Educação Infantil conciliando a Educação Física:

[...]para alcançarmos os objetivos pedagógicos com a turma, a saber: promover cooperação, respeito, autoconfiança, autonomia, exercício do imaginativo e desinibição em um ambiente descontraído e alegre; desenvolver a memorização e diferenciação das diferentes modalidades de práticas corporais do universo do Circo; diferenciar cada objeto trabalhado, memorizando as propriedades de leveza, textura, centro de gravidade, aderência, entre outros; desenvolver as habilidades físicas básicas da faixa etária através da variedade de atividades e de materiais, sendo elas, correr, saltar, manipular objetos e equilibrar-se; desenvolver e aprimorar a consciência e o esquema corporal; e desenvolver força, noção de ritmo, propriocepção, lançamento, dança e acrobacias. (Silva & Martinelli, 2016p. ?).

O autor Ademir De Marco (2016), em seu artigo, defende que os conteúdos circenses possibilitam diversificadas e ricas experiências que contribuem com o desenvolvimento integral das crianças:

Em minha opinião, o grande diferencial é a grande vantagem da educação infantil é que nela não há segmentação, ou seja, não se fala em disciplinas, mas sim em conteúdos e diretrizes que se baseiam nos jogos e brincadeiras. Há o que podemos denominar de predisposição pedagógica para se realizar um trabalho interdisciplinar que reúna todos os tipos de jogos e brincadeiras, incluindo aqui a música, a dança, a ginástica e as lutas. E por que não as artes circenses? Nesse ponto é que encontramos a intersecção da educação física com a educação infantil, com destaque para o fato de que o profissional de educação física se mostra habilitado com todo o arsenal pedagógico para interagir com as crianças pequenas (DE Marco, 2016, p. 202).

Como apontado anteriormente, esta etapa necessita de práticas e métodos lúdicos que possam acolher a criança e auxiliar no seu desenvolvimento por meio da brincadeira. Desta forma, malabares, perna-de-pau, tecidos, bolinhas, acrobacias e palhaços atraem a curiosidade e despertam o imaginário das crianças, se tornando um estímulo em si pois representam uma possibilidade

variada de experiências relacionadas ao movimento e de aprendizagem sobre esta prática corporal.

Pensando em conciliar a Educação Física escolar com a rotina da Educação Infantil, o autor Marco Antonio Bortoleto (2006), defende que o circo é um grande aliado no que diz respeito a sua contribuição artística, mais dedicada às atividades de expressão corporal. Além disto, o autor acredita que estas práticas circenses possuem uma dimensão interdisciplinar visto que valorizam a criatividade, a sensibilidade, proporcionando experiências corporais que se utilizam da ação, do pensamento e da linguagem, tendo no jogo, na brincadeira e na fantasia, sua fonte de inspiração.

Segundo Bortoleto (2003) para que isto ocorra de forma significativa, primeiramente o professor deve ter claro o que significa o conceito de interdisciplinaridade, não o reduzindo a “acúmulo”. A interdisciplinaridade ou multidisciplinaridade é uma prática escolar que busca a interação entre várias áreas do conhecimento, essa prática torna possível a resolução de problemas e através dela uma real compreensão da realidade. Essa compreensão só é possível através da interação dos conteúdos e da visão integral que o professor adquire quando percebe uma ligação entre os conteúdos das diversas disciplinas do currículo da criança ou adolescente. Para que esta interdisciplinaridade possa ocorrer, é fundamental uma melhoria na formação tanto dos profissionais de educação física, quanto dos pedagogos, nas graduações voltada para a arte do circo.

A Educação Infantil é uma etapa da educação básica sumariamente interdisciplinar, por isso não é necessário momentos específicos e delimitação de tempo para quaisquer atividades, até porque nesta fase as crianças ainda não possuem essa concepção temporal e disciplinar. Mas isso não significa que professores de diferentes áreas não possam compartilhar conhecimentos para compor as vivências das crianças, pois ao trabalhar o circo integralmente, a troca de professores pode tornar a aprendizagem mais interessante e significativa.

Vale lembrar que compreendemos o circo como patrimônio cultural, e que além das atividades corporais, é importante retratar a identidade social das famílias circenses e a história de como ele surgiu e todas suas modificações de

acordo com o período em que estava inserido, afinal o circo teve diversas mudanças até chegar ao modelo que conhecemos hoje. Junta-se a isso saberes sobre os materiais, vestimentas, adereços e instrumentos utilizados pelos personagens do circo.

Pode se dizer que, mesmo sem perceber, os profissionais de Educação Física, e até mesmo os professores da educação infantil já proporcionaram involuntariamente atividades circenses, por exemplo, brincar com bolinhas e objetos pequenos pode ser associado ao movimento dos malabares, brincadeiras de equilíbrio sobre objetos ou até mesmo ao brincar de fazer estrelinhas podem ser associados às acrobacias corporais. Cabe, no entanto, que estas atividades sejam intencionalmente organizadas e elaboradas pedagogicamente para se efetivarem em experiências e aprendizagens educativas.

Particularmente, acredito que as práticas circenses podem ser trabalhadas com sentidos ligados ao lazer, à arte e aos movimentos técnicos tanto na escola quanto fora dela, desde que possua um professor com conhecimento do assunto e capacitado para desenvolver esta arte em um espaço seguro. Em relação ao espaço, Bortoleto (2003) diz que para a realização destas práticas, o professor deve pensar na segurança para uma melhor experiência do aluno, e que por isto:

Os espaços disponíveis para a execução das aulas de Educação Física, em específico para o desenvolvimento das atividades circenses, possuem formatos diferenciados e, conforme suas características, “os educandos vão desenvolver as tarefas propostas pelo educador com maior ou menor eficiência e segurança” (BORTOLETO, 2003, p.130).

Além do espaço, o professor precisa trazer atrativos e materiais de circo para despertar a curiosidade dos alunos. As propostas integradas de Educação Física na Educação Infantil devem priorizar o interesse que as crianças demonstram para que o movimento ocorra espontaneamente, mas com mediação do professor.

As especificidades do circo trazem vários benefícios, tanto para o desenvolvimento do aluno na escola quanto para sua vida pessoal. Cada

atividade circense pode ser ministrada de maneira inclusiva e adaptada para cada ambiente e turma. Em seu artigo “Atividades circenses: possibilidades e perspectivas para a educação física escolar”, Rodrigo Duprat (2007), apresenta alguns exemplos como estes:

Malabares: Possibilitam desenvolver no educando o raciocínio lógico, a coordenação motora, o domínio visual e a psicomotricidade. Pode ser ensinado com a utilização de bolas, arcos, bastões, clavas ou até mesmo tecidos e tule, facilitando a passagem de uma mão para a outra e explorando novas sensações. As bolinhas podem ser confeccionadas em sala de aula, existem várias formas e o professor pode escolher o que mais se enquadra ao perfil de sua turma.

Equilíbrio: Atividades de equilíbrio são uma grande característica do circo, o professor pode utilizar cordas no chão para incentivar as crianças brincarem de corda-bamba. Temos também a perna de pau, pé de lata e o rola rola que são materiais que o professor também pode desenvolver junto com a turma.

Encenação: Não é muito popular associar encenação com o circo, porém elementos como arte cênicas, dança, música e mímicas também tem suas especificidades dentro no circo. E claro, não podemos esquecer do palhaço, que contribui com estes elementos, com seu visual único, é um personagem feito especialmente para tirar sorrisos das crianças.

Acrobacias: Nesta prática entram os conceitos de flexibilidade, de equilíbrio, e possibilitam um trabalho que envolve a memória, a relação peso x força, distância, altura, impulsão etc. Nesta prática entram: trapézio, lira, tecido, corda, trampolim, e as acrobacias de solo ou em grupo com poses acrobáticas. Estas necessitam de uma preparação e maior conhecimento do professor para serem aplicadas.

Bortoleto (2006) diz que as principais formas de trabalhar as atividades circenses na escola é vivenciar e praticar, já que cada atividade envolve interesses diferentes. Com isso, a escola fica responsável em proporcionar aprendizagens colocando os alunos em contato com a cultura corporal.

Podemos concluir que embora o circo ainda nem sempre seja contemplado como componente curricular na realidade das escolas brasileiras,

a introdução das práticas circenses no âmbito escolar pode ser uma forma significativa para a realização do processo de interdisciplinaridade. Além disso, pode funcionar como um recurso inclusivo, mostrando a importância do movimento e de atividades elaboradas em contexto cultural para esta faixa etária.

5. CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

É perceptível que desde o início deste trabalho, a ideia de retratar as atividades circenses na Educação Infantil surgiu de algumas experiências gratificantes que pude vivenciar e do interesse pessoal no aprofundamento desta temática.

Durante meu período escolar, a Educação Física era minha disciplina favorita, cheguei a cogitar a possibilidade dela como curso, e creio que futuramente pretendo me especializar nesta área. Ao desenvolver este trabalho eu busquei unir a Pedagogia com a Arte circense, de maneira que contribuísse de várias formas para a educação, a imaginação e as práticas corporais das crianças.

Embora no ambiente escolar os professores de Educação Física são vistos como os mais capacitados a trabalhar com elementos corporais, alguns estudantes de pedagogia tem o privilégio de aprender um pouco destas práticas durante sua formação, pensando nisto, eu aprofundi a ideia de que a Educação Física escolar pode ser integrada à Educação Infantil.

Sabemos que nesta etapa da Educação Básica, a brincadeira é inserida com papel fundamental para o desenvolvimento infantil. Conforme apontado no primeiro tópico deste trabalho, o brincar está inserido na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo um entre os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento da criança: 1. conviver, 2. brincar, 3. participar, 4. explorar, 5. expressar e 6. conhecer-se. Com isso, elaborei a proposta pedagógica buscando explorar o mundo imaginário do circo, como uma brincadeira com cunho pedagógico, o que significa a sua inserção com mediação do professor a partir de temáticas relacionadas às práticas corporais circenses.

Diante disto, entendo que este tema pode ser inserido de diversas formas, por exemplo, em alguma roda de conversa com a turma, o professor pode apresentar elementos do circo que poderiam despertar o interesse da criança, fazendo com que ela tenha o poder de pensar, questionar e, a partir de então, desenvolver o trabalho, ou até mesmo debater com eles o que eles mesmos conhecem sobre o circo, e deixar que parta do interesse deles a busca por mais conhecimento deste universo de possibilidades, que é o mundo do circo.

Ao consultarmos as DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil) (BRASIL, 2010), encontramos três princípios que devem ser respeitados para a elaboração de uma proposta pedagógica de educação infantil: éticos, políticos e estéticos. Éticos dizem respeito à autonomia, à responsabilidade, à solidariedade, tanto ao meio ambiente quanto às diferentes culturas, identidades e singularidades. Na sua dimensão política coloca-se a didática como uma atividade pedagógica escolar, e os estéticos valorizando a cultura e o simbolismo do circo, aprimorando sua riqueza de detalhes únicos.

O circo é uma manifestação artística/cultural, o que facilita imaginar sua aproximação com o princípio estético das DCNEI (2010), de liberdade de expressão nas diversas manifestações artísticas, o que significa ir além das práticas culturais, e estabelecer uma organização do trabalho que agregue conhecimentos para as crianças. Para tanto, acredito que a sistemática estabelecida nas turmas que já auxiliei vale a pena ser repetida na proposta agora elaborada, incluindo rodas de conversa, demonstrações com os materiais circenses para despertando a curiosidade, experimentação como oportunidade

de segurar estes materiais, sentir o peso, a textura, e aprender sua funcionalidade.

Vale salientar que a inserção das práticas circenses na educação infantil se difere das atrações vistas em espetáculos circenses, envolvem as práticas corporais em seu sentido mais amplo, incluindo experimentações livres, criações e ressignificações de objetos e personagens.

Algumas atividades necessitam de materiais para serem desenvolvidas, como por exemplo as atividades aéreas que utilizam os elaborados trapézios, lyra, tecido etc, além de ser necessário certas condições como infraestrutura, segurança adequada e capacitação do professor.

Portanto, de início é recomendável o desenvolvimento das atividades que necessitam de pouca infraestrutura, materiais simples e/ou fáceis de construir e as práticas que não necessitam de material, podendo utilizar um espaço amplo e seguro, como por exemplo a quadra esportiva. Proporcionando assim uma forma de apresentar este mundo para as crianças, os pais e os demais membros da escola, e a partir do interesse da comunidade, as atividades podem ser melhor desenvolvidas e materializadas.

Conforme os tópicos anteriores, sabemos que a brincadeira é uma parte fundamental para a criança durante esta etapa, por ser o momento em que ela exercita seus direitos e estabelece contato com os colegas sendo ativa em seu desenvolvimento:

Do ponto de vista da prática pedagógica, considerando-se as interações e brincadeiras como eixos formativos na educação infantil, é importante que este eixo seja sistematizado pela professora de modo que garantam um equilíbrio entre a vivência livre e a vivência orientada. O brincar livre oferece às crianças oportunidades de descobrir formas para resolver seus próprios problemas, por meio de pequenas experiências as crianças são suscitadas a pensar em várias possibilidades até encontrar soluções.

Por este motivo, o professor durante o desenvolvimento da prática pode mediar, de forma que após iniciada a prática, a criança tenha liberdade para utilizar o meio e/ou material de maneira espontânea, podendo desenvolver novas

possibilidades durante o brincar. Segundo a autora, a brincadeira livre, embora seja de caráter livre, não necessariamente significa que não precisa ser sistematizada. Penner (2007) destaca que na brincadeira livre o professor não precisa estar totalmente ausente, pelo contrário, é importante que ele se envolva conforme a necessidade da criança (2015. p. 7696).

Com isso, acredito que uma proposta pedagógica com esta temática, deve primeiramente respeitar as possibilidades da escola, e a partir disto, aguçar nas crianças a curiosidade pelo conhecimento da história e artes circenses, compreendendo a existência de diversas formas desta manifestação e a importância do circo como patrimônio cultural, valorizando esta forma de expressão artística.

Além dos princípios da DCNEI e de questões didáticas relativas aos espaços e materiais, elaborei a proposta levando em consideração os três saberes relativos às práticas corporais, conforme descrevem Pinto e Vaz (2009, p.266):

[...] o saber/fazer que chamamos, inspirados no conceito de técnicas corporais, de práticas corporais, quando os movimentos se configuram numa prática socialmente reconhecida por um conjunto de técnicas, estratégias e saberes; o do saber-sobre-o-saber/fazer, ou ainda, aquele que coloca no plano reflexivo a descrição e análise da ação ou atividade realizada, também chamado de processos de secundarização; e ainda a contextualização histórica e cultural da prática corporal.

No âmbito das práticas circenses na Educação infantil, entendemos o saber fazer como a experimentação dos movimentos e de algumas técnicas bem iniciais, que ajudem a criança nesta experimentação. Lembramos da necessidade de o professor possuir ou buscar desenvolver um conhecimento especializado, que o capacite a ensinar sobre as práticas corporais. O saber-sobre-o-saber-fazer se refere à criação e recriação dos movimentos, também às reflexões sobre suas especificidades, diferenças e semelhanças, permitindo sua ressignificação. Aqui também entra os cuidados consigo e com o outro, pensando especialmente na segurança para desenvolvimento das atividades. Já sobre a contextualização histórica buscaremos abordar de forma lúdica, como o circo surgiu e seus valores culturais e sociais, ensinar sobre os personagens e

características do circo. Para tanto propomos utilizar vídeos e materiais complementares.

No trabalho pedagógico com as práticas corporais, não deve ser frequente a preocupação com as dificuldades de aprendizagem de saberes e objetivos técnicos. Visto que nesta etapa da Educação Básica, não devemos impor situações que frustrem as crianças, e sim incentivar que cada um busque aperfeiçoamento pessoal na atividade em seu próprio tempo. Durante o desenvolvimento das práticas circenses, além do olhar atento, o professor deve ter entendimento e cautela para que possa intervir, de forma que sua mediação respeite a individualidade dos alunos e viabilize suas escolhas e ao mesmo tempo permita que esse aluno se desenvolva e avance.

Na sistematização de uma proposta pedagógica de Atividades Circenses os pesquisadores Dias (2009), Corsi (2016) e Vasques (2017), confirmaram a importância dos momentos de exploração livre dos movimentos, durante o processo de aprendizagem da criança, para que ela possa imaginar, criar e conhecer novas formas de movimento. Vale ressaltar a importância do planejamento destas atividades, em seu trabalho, a professora Ostetto (2000) defende que na Educação Infantil, o planejamento deve ser flexível, permitindo que o educador possa repensar, revisar e buscar sempre novos significados para sua prática pedagógica. Ela defende que nesta etapa, é necessário desenvolver um planejamento que envolva atividades e situações lúdicas que desenvolvam as crianças.

6. PROPOSTA PEDAGÓGICA

Nível de Ensino: Educação Básica

Etapa: Educação Infantil - Pré-escola

Objetivos: Ao final da proposta, espera-se que o/a aluno/aluna possa:

- Interessar-se/desenvolver a curiosidade sobre expressões e meios artísticos, em especial sobre aquelas relacionadas com o circo.
- Reconhecer o circo como elemento cultural;
- Conhecer elementos constituintes do circo (personagens, materiais, equipamentos, vestimentas, espaços e dinâmicas), incluindo aspectos históricos;
- Identificar as práticas corporais circenses como partes constituintes da cultura corporal;
- Conhecer e experimentar elementos técnicos e expressivos (saber fazer) das práticas corporais circenses;
- Brincar “de circo” interagindo com os colegas, promovendo seu desenvolvimento integral

- Criar e comunicar novas formas de brincar, ressignificando práticas, objetos e outros elementos da cultura circense

Antes de tudo, é importante lembrar que as crianças com necessidades educacionais especiais podem e devem participar de todas as atividades. Deve-se diferenciar o ritmo, ampliar o tempo de deslocamento, de modo que todos realizem as propostas da sua forma, de maneira que estes alunos não se sintam excluídos ou de lado. Nas atividades que envolvem malabarismo, por exemplo, é possível usar bolas maiores e/ou mais leves e balões presos por barbantes no punho dos alunos que necessitarem de recursos como esses. A ajuda de professores e colegas também pode ser uma boa medida durante o desenvolvimento das acrobacias.

A proposta foi organizada por temáticas, que podem ser desenvolvidas em vários momentos (dias, semanas), de acordo com o tempo de compreensão e interesse de cada turma, a partir da observação do professor. Por exemplo, pode ocorrer da turma se interessar mais por um tema específico e se tornar necessário o desenvolvimento deste em mais do que um encontro. Por isso, para alguns temas descrevemos uma proposta geral de trabalho, seguida de sugestões para seu aprofundamento e desenvolvimento.

No fim de cada aula/encontro, devemos sempre nos perguntar: o que meus alunos já sabem? O que ainda não conhecem? O que, como e quando seria importante um aprofundamento? Onde ensinar? E a partir disso decidir quais temáticas necessitam de mais encontros. É necessário manter a comunicação com a turma, para que cada parte envolvida no processo de ensino e aprendizagem sobre as práticas circense possa expor seus entendimentos e interesses.

Duprat e Bortoleto (2007) propõem uma classificação, disposta em unidades didático-pedagógicas, composta por: Acrobacias (Aéreo, Solo e Trampolim), Manipulações de Objetos, Equilíbrios do Corpo (em Movimento, em Superfícies Instáveis) e Encenação (Expressão Corporal e Palhaço). Entretanto, para o desenvolvimento de um programa desta natureza nas escolas, os autores

alertam que o objetivo central visa colocar o aluno em contato, em vivência com a cultura do circo, destacando que:

O interesse pedagógico não está centralizado no domínio técnico dos conteúdos, mas sim no domínio conceitual deles, dentro de um espaço humano de convivência, no qual possam ser vivenciados aqueles valores humanos que aumentem os graus de confiança e de respeito entre os integrantes do grupo (DUPRAT E BORTOLETO, 2007, p.176).

Com base neste pensamento, pensei nas propostas alinhando estas unidades das práticas circenses, que abrangem tanto movimentos quanto expressões e encenações, de forma que as crianças possam se aprofundar no mundo do circo, de maneira leve e com brincadeiras, tornando esta vivência cultural significativa e prazerosa. Todas as atividades são pensadas de maneira a atrair a curiosidade da criança em praticá-la. Neste âmbito circense, deve-se apostar na utilização de historinhas, vídeos, desenhos e músicas, para que as crianças se interessem pela atividade que será proposta.

Para o aperfeiçoamento da prática, sugiro a leitura do Livro: "Introdução à pedagogia das atividades circenses", Marco Antônio Bortoleto, 2008. Nele estão disponíveis várias práticas e passo a passo de como realizá-las.

6.1 TEMA 1: APRESENTANDO O MUNDO DO CIRCO

Com a finalidade de identificar os saberes e experiências que as crianças possuem sobre a temática do Circo ou de qualquer outra perspectiva ligada a ele e sobre o que eles reconhecem como parte do universo circense, no primeiro dia da implementação das atividades, proponho a realização de uma roda de conversa, trazendo elementos como imagens e músicas, de forma que as crianças compartilhem o que conhecem referente ao circo.

Sugestão de imagens:





Sugestão de música: Xuxa. O circo já chegou.¹

Na sequência, iremos pesquisar (se possível junto com a turma) informações variadas sobre o que as crianças relataram, lembrando o que cada aluno comentou e explicando sobre os diferentes tipos de circo e modalidades circenses.

Pontuando brevemente, as modalidades principais do circo: acrobacias, aéreos, malabarismo e equilibrismo, e contar que podem existir diversos tipos de circo, porém, dentre os principais estão: o circo tradicional, o circo moderno e o novo circo, e suas principais características são as seguintes:

No circo moderno, os shows eram feitos nas praças, palácios, feiras e festivais, predominavam a atuação e muita dança, shows de malabaristas, e trapezistas.

O circo tradicional é caracterizado por ser uma organização composta por seus artistas: acrobatas, contorcionistas, balanceadores, escapistas, mágicos, malabaristas, mimos, monociclistas, palhaços, marionetistas, trapezistas, ventríloquos, e animais selvagens domesticados.

¹ Imagens retiradas do Jornal de Jundiaí, Circo dos Sonhos traz o mundo da fantasia pela 1ª vez a Jundiaí https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.ji.com.br%2Fcultura%2Fcirco-dos-sonhos-traz-o-mundo-da-fantasia-pela-1a-vez-a-jundiai%2Findex.html&psig=AOvVaw0V_83X0WKPIMMNsSP5h_FC&ust=1610508827069000&source=images&cd=vfe&ved=0CAIQjRxqFwoTCJCNnpu7le4CFQAAAAAdAAAAABAD

E o novo circo, caracterizado por criar efeito de surpresa, adiciona às técnicas de circo tradicionais a influência de outras linguagens artísticas como a dança e o teatro.²

A partir desta abordagem, podemos questionar as crianças sobre quais tipos de circo elas conhecem ou (se) já frequentaram. Com isso elaborar um roteiro com os pontos mais pertinentes a serem desenvolvidos nas aulas práticas, baseado no interesse das crianças.

Acredito que as primeiras experiências são as mais importantes de todo o processo de aprendizagem nesta etapa, ou seja, uma possível queda ou situação de exclusão durante as atividades nesta fase pode gerar repercussões durante a sequência das propostas, podendo inclusive provocar bloqueios ou medos que impeçam o desenvolvimento do aluno. Por isto entendo que a inserção da criança deve ocorrer a partir do tempo de cada criança, estimulando sua curiosidade e deixando com que ela mesma explore seus limites.

Proponho levar alguns materiais circenses como: clavas, fitas, nariz de palhaço, malabares entre outros, para deixar que as crianças possam manusear e experimentar um pouco sobre este universo.

6.2 TEMA 2: EXPRESSÃO CORPORAL

Para inserir atividades com as práticas corporais mais específicas, proponho começar com aula simples, implementando brincadeiras como: imitar gestos e movimentos tipicamente utilizados pelos protagonistas circenses, “piruetas”, saltar, pular, rolar, escorregar, enfim, imaginar e brincar com o seu próprio corpo. Ações básicas como levantar, caminhar e saltar passam a ser grandes desafios, pois são sugeridas com um novo olhar.

De início proponho uma roda de conversa, vale destacar que a roda é necessária sempre que possível, pois auxilia no processo de observação do desenvolvimento da turma, e no estabelecimento das regras ou combinados

² Essa tipificação foi baseada em conhecimentos retirados da pesquisa sobre circo na Wikipédia, disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Circo>

Nesta proposta, vale pensar em atividades com a intenção explícita da expressão e comunicação por meio dos gestos, ritmos, sons e música. Por exemplo, sons de animais para que as crianças possam imitar os movimentos, ou a partir do comando do professor. Imitar gestos e movimentos tipicamente utilizados pelos protagonistas circenses, como palhaço, mágico e equilibrista.

Podem ser utilizadas, cordas, bambolês e tatames para a criação de circuitos onde as crianças, consigam realizar os movimentos em sequência. No entanto, sempre é necessário ajudar a criança a fazer relações entre os movimentos/expressões que está realizando no circuito e as práticas circenses. Saliento que a imaginação e a expressão estarão presentes em todos os temas, mas que este, em particular, procurou valorizar as expressões de caráter mais gerais do circo.

Reflexões: Durante a recriação das práticas e personagens, deve-se aprofundar junto com as crianças quais personagens elas já conhecem e deixar com que elas representem os mesmos. É de grande importância, destacar que os animais fazem parte do histórico do circo, mas que por muitas vezes os mesmos sofriam maus tratos, e que o lugar deles é em meio a natureza em seu habitat natural, sendo assim, atualmente, eles são representados por desenhos, fantasias e mímicas.

6.3 TEMA 3: MALABARES.

A partir deste terceiro tema, proponho explorar práticas específicas do circo, começando pelo malabarismo, explicar o que é um malabar e o malabarismo, e suas adaptações, inclusive com imagens. Pensei em atividades ou situações lúdicas que exigiam a manipulação de objetos, como fundamento básico. Podendo ser utilizados diferentes materiais, como tules, bolas, bexigas e prato chinês.

Sejam estas realizadas com retalhos de tules, bolas, pratos ou claves, requerem não apenas controle muscular, equilíbrio, coordenação, como também avaliação cognitiva e adequado estado emocional durante o desenvolvimento das vivências. É importante que o professor observe como cada criança se

comporta durante o aprendizado, vale lembrar que para que seja ensinado, o professor precisa estudar sobre as técnicas de manipulação de como movimentar cada objeto, lembrando que apenas sabendo passar as técnicas cada criança irá se desenvolver de uma maneira, não é necessário que o professor saiba fazer ou seja especialista na prática.

De início é válido utilizar os tules e bexigas, pois as atividades de lançamento possibilitam maior assimilação pelas crianças, tendo em vista a lenta velocidade de queda dos objetos, estimulando assim a motivação para tentativas mais desafiadoras, como lançamentos de duas bexigas ao mesmo tempo ou lançamentos em parcerias.

O tule é um material facilmente encontrado em lojas de tecido e papelarias, possui baixo custo e está disponível em diversas cores. Além disso, é uma opção pedagógica interessante, uma vez que pode ficar mais tempo pairando no ar, facilitando a realização dos truques de malabarismo fazendo com que eles explorem o imaginário.

Proponho a realização de uma roda onde contaria sobre os malabares, demonstrando como utilizá-los e suas técnicas, em seguida deixar todos os objetos levados disponíveis para a experimentação dos alunos.

Complementando: Durante o desenvolvimento da temática dos malabares, acredito ser extremamente válido a confecção destes aparelhos circenses, tendo em vista a utilização de materiais alternativos e de baixo custo possibilitando assim que as escolas com baixa verba possam realizar novas possibilidades. Além disso, a construção dos objetos possibilita a interação das crianças, desenvolvendo várias capacidades, como a criatividade e motricidade. Vale ressaltar que uma das características historicamente presentes no universo do circo é a criação e confecção de suas próprias ferramentas de trabalho, podemos trazer vídeos que contêm um pouco desta tradição circense, para que as crianças se apropriem desta dimensão cultural, além de ser uma boa forma de incentivá-los na hora da criação dos mesmos.

Reflexões: Durante a roda de conversa é válido questionar as crianças se elas já conhecem ou já viram esta prática sendo executada, como por exemplo,

os artistas de rua que apresentam os malabares nos sinaleiros e praças, e o que eles pensam sobre, deste modo reforçarmos os valores culturais.

6.4 TEMA 4: EQUILÍBRIO.

Na temática de equilibrismo podem ser realizadas atividades ou situações lúdicas que façam a criança desafiar-se equilibrando seu corpo em superfícies instáveis. Nesta aula se faz necessário a criação de vínculos de confiança nos professores e nos colegas, e a auto superação nas vivências.

De início pode se colar uma fita crepe formando uma linha no chão, simulando a “corda bamba”. Durante este momento, devemos explorar o imaginário e o lúdico, “inventando” cenários elaborados pelas crianças, nos quais elas possam se imaginar em outros ambientes, como “atravessar sobre uma corda bamba que está muito longe do chão”, ou mesmo “passar sobre uma ponte em que o rio está cheio de jacarés”, ou até mesmo desafiar as crianças pedindo para que andem com um pé na frente do outro equilibrando um livro na cabeça, sem deixar cair. Caso o professor/escola tenha meios, poderiam trazer o slackline, que possibilitaria uma rica vivência desta experiência, obviamente utilizando de todas as medidas de segurança.

Complementando: Explorando outros meios, o professor pode construir com a turma o pé de lata, utilizando latas e fio de varal. Outra opção é o rolo com a prancha de equilíbrio, que pode substituir as pernas de pau do circo.

O equilíbrio sobre objetos pode ser abordado através do corpo em movimento, (simulando as pernas-de-pau adaptando-se às vivências com o pé-de-lata) e do corpo em superfícies instáveis (simulando a corda bamba adaptando as vivências com o slackline, ou equilibrar-se sobre uma prancha e um rolo). Podem ser utilizados bancos ou superfícies estreitas, para desafiar as crianças a caminhar em forma de passarela, trabalhando assim equilíbrios estáticos e dinâmicos e capacidade de concentração.

Outra atividade para esta proposta é fazer desenhos de diferentes formas geométricas no chão, como: círculos, curvas, ondulados, retos e também permitir que as crianças possam dar sugestões. Desta forma, eles brincam e tentam permanecer em cima das formas, nos demais encontros, eles precisam fazer

algumas ações enquanto estão na posição, como: ficar em apenas um pé, saltar, dar piruetas entre outros movimentos e brincadeiras, que devem ser sugeridos por eles também.

6.5 TEMA 5: ACROBACIAS DE SOLO.

As acrobacias de solo englobam saltos, paradas de mão, estrelinha, cambalhotas, podendo ser combinados com dança. Nesta proposta é interessante realizar um circuito de brincadeiras e atividades e deixá-los brincar com um pé só, plantar bananeiras e fazer estrelinhas, podendo demonstrar o sabem e aprenderam até aqui. A ideia é que as crianças possam vivenciar as possibilidades de variações dos elementos técnicos das acrobacias de solo.

Na escola, sabemos que o intuito não está ligado à formação de artistas circenses, logo para evitarmos possíveis riscos, este ambiente pode e deve ser amplamente controlado. Ao realizar acrobacias de solo, por exemplo, mesmo que a mais simples, precisamos estar atentos com a segurança dos alunos e ensiná-los em um espaço adequado, com a utilização de colchões e de maneira gradual, para que eles aprendam a maneira mais segura de realizar o movimento. Por isto existem alguns equipamentos indispensáveis como: um colchão para as quedas e o tatame e/ou colchonete para as acrobacias de solo.

Sugestões:

Atividade 1: Rolamento para frente

Este deve ser o primeiro movimento de acrobacia de solo, pois o rolamento é responsável para desenvolver a cambalhota, para isso os colchonetes devem estar estendidos, e em seguida as crianças devem experimentar:

- 1). Rolar lateralmente com o corpo estendido;
- 2). Rolar lateralmente com o corpo grupado;
- 3). Rolar livremente em diferentes direções;

4). Rolar passando por cima ou por baixo de algum colega;

Atividade 2: Estrela

1). Elevar ligeiramente um dos pés apoiando o mesmo à frente com flexão de joelho, apoiando-o no chão o mais longe possível do pé de base. Os braços devem estar esticados para cima e a cabeça entre eles;

2). À medida que o pé da frente toca o solo inclinamos o tronco para frente e colocamos a primeira mão o mais longe possível do pé. Logo apoiamos a segunda mão, e elevamos a segunda perna, fazendo movimento de "chute de calcanhar" nesse momento;

3). Logo devemos "empurrar o solo" na vertical para ir passando o peso do primeiro para o segundo braço de apoio à medida em que as pernas continuam seu percurso o mais afastado possível. Após o giro do corpo invertido, apoiar a primeira perna no chão o mais longe possível e depois a segunda, voltando, assim, à posição de pé.

Para que o professor possa dar atenção individual, podem ser deixados alguns bambolês pelo espaço permitindo assim, que os demais alunos possam brincar pulando de dentro para fora livremente, e ressignificando seu uso.

Para esta proposta, torna-se necessária a intervenção e a participação não apenas do professor, mas de toda a gestão escolar, para caso seja possível, trazerem o tecido para apresentar às crianças, introduzindo um elemento de acrobacia aérea. Para isto é necessário estudar os movimentos básicos, e ensinar as técnicas para que as crianças possam experimentar o tecido, tentando subir e se pendurar sem riscos.

Complementando: Após algumas aulas, é possível sentir se a turma está pronta para os movimentos mais elaborados, como realizar cambalhotas sozinhos e iniciar aprendizagens como "plantar bananeiras".

Lembrando que estas atividades podem e devem ser desenvolvidas nos demais encontros. Para tanto pode-se trazer novas expressões corporais, como as pirâmides que, obviamente, exigem um estudo e aprimoramento prévio, para ensinar a turma de maneira segura.

6.6 TEMA 6: PERSONAGENS

Os personagens do circo contam com a presença de objetos e características que facilitam sua identificação como, por exemplo, os mágicos que são representados com sua cartola e varinha, os malabaristas com bolas, bexigas e pratos, o palhaço com seu nariz, peruca e maquiagem, e os animais que hoje em dia são representados por desenhos ou expressões. Estas características quando representadas e somadas a imaginação e ludicidade das crianças dão vida e ação aos protagonistas ilustrados.

Nesta temática proponho trazer imagens de maquiagens artísticas dos personagens, inclusive do querido palhaço, após mostrá-las em conversa com a turma, podemos dividi-las em pares e disponibilizar tintas para pintarem o rosto dos colegas, contando de que seja uma tinta facial para evitar alergias.

Além disso, pode-se explorar o imaginário da turma por meio das artes cênicas, os deixando livres para interpretar cada personagem e brincar com os demais onde cada um poderá escolher seu personagem preferido e a partir disto representá-lo.

Para esta proposta é importante trazer um material de apoio, como vídeos, imagens, músicas e alguns objetos (vestimentas, panos) que caracterizam os personagens e com isso incentive com que as crianças brinquem e demonstrem como cada personagem expressa sua linguagem corporal e facial.

6.7 TEMA 7: AS CRIANÇAS ENSINAM OS PAIS

Até chegarmos nesta proposta a criatividade e autonomia dos alunos já estará mais desenvolvida no que se refere às expressões e práticas circenses. No decorrer das atividades é provável que as crianças já se assumam como autores de suas próprias práticas. Nessa perspectiva, à medida que os alunos experimentam e conhecem corporalmente os movimentos das práticas circenses, eles têm mais possibilidades de buscar soluções para os problemas

e desafios propostos e também de criarem novas vivências a partir das já experimentadas.

Para esta proposta, seria bacana trazer as famílias das crianças para a escola e disponibilizar todos os recursos e materiais que foram utilizados no decorrer deste percurso. Previamente poderemos conversar com os alunos para criar grupos de atividades, em que cada grupo poderá ensinar aos pais e responsáveis uma atividade circense. Esta seria uma ótima maneira de interação das crianças com os adultos, e uma possibilidade de eles exporem todo o conhecimento adquirido.

Proponho uma divisão, por exemplo: 5 crianças em cada prática: malabares, equilíbrio, acrobacias etc... Portanto, eles escolheriam a modalidade que mais se identificaram durante as temáticas e iriam repassar este conhecimento aos pais deles e aos demais colegas. Durante este momento, todos os objetos devem estar disponíveis, e para deixar o ambiente descontraído pode-se deixar as músicas circenses tocando de fundo.

6.8 AVALIAÇÃO

Durante o desenvolvimento da proposta e com base em estudos da professora Fernanda Pedrosa de Paula (2011), proponho realizar em roda de conversa ou individualmente um diagnóstico inicial como referência para avaliar a ampliação do repertório dos alunos sobre o tema circo, por exemplo, questionar quais modalidades e brincadeiras circenses eles conheciam e quais conhecem agora, que tipos de movimentos corporais que são capazes de realizar, que tipo de movimentos presentes nos espetáculos foram apreendidas, entre outras questões que foram apontadas nos objetivos e em cada encontro temático. Além disso, verificar e registrar, ao longo de todas as etapas, os avanços e as dificuldades ajudará a fazer esse balanço final, para que possa ser avaliado os novos saberes que a proposta trouxe para a turma.

A proposta foi pensada, podendo ser adaptada para qualquer faixa etária da etapa da Educação Infantil, (0-5 anos), vale ressaltar que as temáticas, possuem variadas maneiras de serem apresentadas, por exemplo, para os bebês, as brincadeiras devem ser totalmente lúdicas, e com menor tempo de

duração, o professor deve apostar nas temáticas com expressões e personagens, trazendo toda a cor deste universo para o dia a dia da turma.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizado o trabalho, acredito que dentre as diversas expressões de práticas corporais que existem no mundo e na cultura brasileira, as atividades circenses podem ser vivenciadas de forma significativa conforme condições e potencialidades individuais de cada aluno, com algumas adaptações, sendo elas de materiais, de espaço ou de movimento, no ambiente escolar. Ampliando esse olhar, pode-se dizer que as práticas circenses têm características artísticas e expressivas nas quais o corpo é o personagem principal, pois trabalham tanto elementos de representação teatral quanto de domínio corporal.

Durante a etapa da Educação Infantil, as crianças precisam de motivação e inovação, com isso as atividades circenses são uma ótima opção, visto que com elas se torna possível explorar a arte corporal e ao mesmo tempo permitir com que as crianças se desenvolvam de forma lúdica. Desse modo, as práticas circenses na escola funcionam como modo de disseminar a cultura corporal, servindo também como forma de possibilitar a interação social da turma.

Sendo assim, a proposta foi pensada de a maneira que pudesse ser executada de maneira flexível e com a participação efetiva de toda a turma, para isto foi realizada uma busca por atividades consideradas mais acessíveis para serem aplicadas nas instituições de educação infantil, permitindo serem

construídas com material de baixo custo e praticada de maneira simples, sem apresentar riscos à integridade física das crianças, exigindo uma infraestrutura básica e não sendo de difícil execução.

Creio ser um estudo que não deva terminar aqui, é necessário que novas pesquisas que envolvam atividades circenses aconteçam, envolvendo novas técnicas e novas metodologias didático/pedagógicas, para que esta proposta possa ser vivenciada por todas as crianças da maneira mais rica possível.

REFERÊNCIAS

- ÀRIES, P. A **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1978.
- AQUINO, Milena. CIRCO E EDUCAÇÃO: atividades circenses na educação física escolar. Centro universitário de Brasília – UniCEUB 2014.
- BORTOLETO, M. A. A perna de pau circense: o mundo sob outra perspectiva. **Motriz**, Rio Claro, v. 3, n. 9, p. 125 – 133, dez. 2003.
- BORTOLETO, M. A. C; MACHADO, G. de A. Reflexões sobre o Circo e a Educação Física. **Revista Corpo consciência**, Santo André, n. 12, p. 41 – 69, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.
- BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CEB. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 1999.
- CERISARA, Ana Beatriz. Educar e cuida: por onde anda a educação infantil?. **Perspectiva**. Florianópolis. V.17, n. Especial, p. 11-21, jul./dez.1999.
- CORSI, L. M. A Educação Física na Educação Infantil: uma proposta interdisciplinar de atividades circenses. 2016. 109 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000448524>. Acesso em: 07 jul. 2019.
- DAOLIO, J. **Educação Física escolar: em busca da pluralidade**. Cultura, educação física e futebol. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. DUPRAT, R. M.; GALLARDO, J. P. P. Artes circenses no âmbito escolar. **Motrivivência**. Ijuí, RS: Unijuí, 2010.
- DIAS, L. C. Arte circense no ensino infantil: reflexões sobre uma proposta. 2009. 109 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000448524>. Acesso em: 08 jun. 2019.

DUPRAT, R. M. Atividades circenses: possibilidades e perspectivas para educação física escolar. 2007. **Dissertação** (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

DUPRAT, R. M; BORTOLETO, M. A. Educação Física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 02, n. 28, p. 171 – 190, Jan. 2007.

FLORIANO, Thiago Adelino; PEREIRA, Breno Ferreira. O CIRCO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA. **Cadernos de formação da RBCE**. p.45-53. Mar.2018.

FRABBONI, Franco. A Escola Infantil entre a cultura da Infância e a ciência pedagógica e didática. In: ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre. Artmed, 1998.

GONÇALVES LL, LAVOURA TN. O circo como conteúdo da Cultura Corporal na Educação Física escolar: possibilidades de prática pedagógica na perspectiva histórico crítica. **R. bras. Ci. e Mov** _ 2011;19(4):77-88.

KRAMER, Sônia. **A Política do pré-escolar no Brasil: A arte do disfarce**. 7ª edição. São Paulo: Cortez, 2003

LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. **Alfabetização: uma perspectiva humanista e progressista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MENDONÇA, Fernando Wolff. **Teoria e Prática na Educação Infantil**. Maringá, PR: UNICESUMAR, 2013.

MELLO. Suely Amaral. **Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural**. Unesp jan/jun. 2007

OLIVEIRA, Zilma Ramos de Oliveira. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2005.

OSTETTO. Luiciana Esmeralda. **Planejamento na Educação Infantil**. Mais que a atividade, a criança em foco. Campinas, Papirus. 2000.

PEDROSA. Paula Fernanda. Atividades circenses na Educação Física. **Nova escola**. Professora da EM José de Calasanz, em Belo Horizonte, e Educadora do ano do Prêmio Victor Civita de 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/5569/atividades-circenses-na-educacao-fisica#> acesso 29/01/2021.

PENNER, Ana Paula. A importância da brincadeira livre no contexto da educação infantil. **Anais EDUCERE**, XII Congresso Nacional de Educação,

2015.Disponível em:
https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22661_10475.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

PINTO, Fábio; VAZ, Alexandre. Sobre a Relação Entre Saberes e Práticas Corporais: notas para a investigação empírica do fracasso em aulas de educação física. **Educação e realidade**. V. 34, n.2, 2009.

SILVA, Lisandra Oliveira; MARTINELLI Rafael. O circo itinerante: compartilhando experiências de estágio de educação física na educação infantil. **Cadernos de formação da RBCE**. P. 43-56. Set. 2016.

SAYÃO. Deborah. Infância, Prática de Ensino de Educação Física e Educação Infantil. In **Educação do corpo e formação de professores**: reflexões sobre a prática de ensino de Educação Física. p. 45-64./ Alexandre Fernandez Vaz, Dedorah Thomé Sayão, Fábio Machado Pinto (Orgs.) - Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

VASQUES, H. C. Atividades Circenses: proposta pedagógica para a Educação Infantil. 2017. 93 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Licenciatura em Educação Física), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em:
<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000992199>. Acesso em 04 jan. 2019.

VAZ, Alexandre; PINTO, Fábio; SAYÃO, Deborah T. A prática de ensino e a infância na formação de professores/as de Educação Física. **Anais do XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Caxambu/MG, Campinas/SP: UNICAMP, 2001.